

Apresentação

No teatro, ensaio é experimento, preparo para o palco, para a crítica. Como num teatro, Esboços expõe ensaios, contornos difusos, idéias primeiras à mercê de críticas e contribuições. E é essa procura, ávida e curiosa, que leva os autores a se colocarem à opinião pública, como no palco, e a ousar os primeiros passos.

Na representação escrita das idéias, o historiador. No teatro, ensaio é experimento, preparo para o palco, para a crítica. Como num teatro, Esboços expõe ensaios, contornos difusos, também representa uma peça, onde cada expectador utiliza uma lente diferenciada, e, mudando o ator, o enredo terá uma performance particular.

Neste caráter inacabado, nunca chega senão a esboços com seus contornos difusos de retratos em movimento.

Percebendo a história como criação humana, contar histórias significa narrar coisas que aconteceram nas quais estiveram envolvidas pessoas que experimentaram o drama da comédia humana: amaram, trabalharam, resistiram, sonharam, calaram ou falaram nas relações que aí se travaram, entrelaçadas em seus contextos mais amplos.

Homens e mulheres vivem em constantes processos relacionais, sujeitos a todas as tramas, não sendo possível pensar formas definitivas e sim fragmentos, prevendo diferentes olhares que por sua vez investigam diferentes objetos. Cabe ao ensaísta-narrador montar um mosaico, sabedor que lhe faltarão peças, porém, persiste, pois está num processo de criação contínua no juntar de pistas descontinuadas da história.

Nessa linguagem, percebe-se a ênfase na cultura, incluindo aí a construção das condições materiais da vida, os valores, crenças e comportamentos, todos imbricados em processos históricos relacionais.

Com este olhar perspectivo, a história merece ser vista como um constante fazer-se por homens e mulheres que sonharam esperanças o futuro, entretanto, vivenciaram o presente com histórias peculiares que precisam ser contadas, pois não há enredo onde um personagem seja tão insignificante que tenha passado pela vida em vão.

Assim, com diferentes olhares para variadas relações, percebe-se aqui a festa, a fotografia, o imaginário religioso e o fantástico, o nacionalismo, as experiências de índios, enfim, contemplando o gênero, a memória, público e privado, tradições, linguagem, entre outros.

E não há limites para ousar, porque, como no palco, o que vale é a busca constante e contínua do melhor gesto, do mínimo detalhe, da mais

profunda reflexão. Vale a pena imaginar, fazer o esboço, o ensaio, e permitir-se uma bela obra!

Marlene de Fáveri.